

## RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — É só a gente procurar no jornal, para saber qual é a greve do dia. São pequenas greves, curtas, de protesto contra qualquer coisa, principalmente a guerra na Indochina. Uma certa linha de "metrô" fica parada durante quatro horas. Uma certa mina de carvão suspende o trabalho na parte da tarde. Os jornais comunistas abrem "manchettes", os órgãos conservadores se queixam da desordem, e o grosso do público não presta a menor atenção. "On s'habitue" — como é costume dizer na França, a propósito mais ou menos de tudo.

Outro dia acordei sem luz no quarto. Telefonei para a portaria do hotel. E o "concierge", com voz sonolenta:

— "Não é nada, não, senhor: é a greve".

• • •

Não é apenas a greve que deixa o francês médio praticamente indiferente. Imagino se o Brasil tivesse, com qualquer país na América do Sul, um incidente diplomático como esse que a França teve com a Polónia. Que barulheira, que "manchettes", que discursos! Todos os oradores cívicos aproveitariam a deixa, haveria "quebra-quebra" e cortejos monstruosos de homenagem aos brasileiros que voltassem do país em questão, etc. Metraíhadoras na porta da embaixada, boicote ao produto do "inimigo" — uma imensa farra patriótica.

É natural: somos pobres em incidentes diplomáticos: o nosso caro Pina acabou homenageado por uma cidade do Piauí, que adotou seu nome, como herói nacional. Na França o governo toma medidas de represália e o homem da rua nem parece tomar conhecimento do caso. Puxei conversa, ao acaso, com cinco ou seis pessoas.

Tôdas fizeram comentários vagos, sem maior interesse; nem sequer estavam ao par dos detalhes do incidente.

É preciso a gente fazer um certo esforço para se lembrar que a França está em guerra. Essa luta na Indochina, que a maior parte da imprensa considera fruto de erros repetidos da política francesa (com a metade das concessões feitas finalmente a Bao Dai, seria fácil ser contentado antes Ho Chi Min), é uma guerra distante e impopular. Mesmo os que reprovam a sabotagem praticada pelos comunistas não mostram o menor entusiasmo pela guerra.

E enquanto se fala tanto da Rússia e dos Estados Unidos, o francês médio, por hábito, continua a se preocupar... com a reconstrução alemã.

Tudo isso é indiferença, cegueira política? Pode ser que seja; mas há também, no meio, uma espécie de sabedoria. Ou, pelo menos, pode ser que haja.

4.3.50

R. B.